

ESTUDO SOBRE O PERDIGUEIRO PORTUGUÊS



■
TESE APRESENTADA
AO

I
CONGRESSO
NACIONAL
DE CAÇA
E TIRO

■
(Organização da Associação dos Caçadores do Sul de Portugal)

■
em 11, 12 e 13
de
Julho de 1937

pelo Congressista

Ex.^{mo} Sr. Leopoldo Machado Carmona



6.7(469)
R

■
LISBOA
1 9 3 7

ESTUDO SOBRE O PERDIGUEIRO PORTUGUÊS



■
TESE APRESENTADA
AO

I
CONGRESSO
NACIONAL
DE CAÇA
E TIRO

■
(Organização da Associação dos Caçadores do Sul de Portugal)

■
em 11, 12 e 13
de
Julho de 1937

pelo Congressista

Ex.^{mo} Sr. Leopoldo Machado Carmona

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

N.^o 60064

Barceliana

LISBOA

1 9 3 7

Legado

Álvaro Arezes L. Martins

Estudo sôbre O perdigueiro português

(Tese apresentada ao I Congresso Nacional de Caça e Tiro, em Julho de 1937, pelo congressista Ex.^{mo} Sr. Leopoldo Machado Carmona.

*Senhores Congressistas,
Meus Senhores :*

A Canicultura em Portugal, há uns vinte anos atrás, era quasi ignorada e só alguns raríssimos amadores se dedicavam à cultura do cão.

Na absoluta impossibilidade de recorrer a trabalhos nacionais porque nada existia publicado, vi-me forçado a adquirir, além fronteiras, várias revistas, obras e tratados, visto que lá, desde há perto de um século, especialmente em França e Inglaterra, possuem centenas de obras desta especialidade, como por centenas se contam os clubes e agremiações que à cinofilia se dedicam.

Com grande mágoa e espanto meu, em dezenas e dezenas de obras que compulsei e em várias revistas que assinei, nem a mais leve palavra havia sôbre as raças portuguesas.

Alguma coisa que, de então para cá se publicou, no Brasil e em França, aparece firmado com o meu nome ou foi feito por meu intermédio.

Dado o atraso e o completo abandono a que a Canicultura estava votada em Portugal, e, como nada houvesse impresso, lembrei-me de publicar com certa insistência, em jornais e revistas cinegéticas, nos últimos anos, vários artigos sôbre esta zootecnia canina, que, embora modestos e despretenciosos, tiveram o condão de despertar o interêsse e o entusiasmo de inúmeros amadores.

Daqui, as Exposições Caninas do Norte em 1929 e 1930, que organizei, em nome do Centro Hípico do Pôrto, e as de Lisboa de 1931 e 1932, da iniciativa do Club dos Caçadores Portugueses, que orientei e em que tomei parte activa.

Foi grande satisfação para mim verificar que todo o meu esforço e estudos de longos anos, não fôra em vão, sentindo-me bem pago de toda a inergia que dispendi, vendo Portugal acompanhar os outros países em Canicultura, como suficientemente o provam as Exposições anuais a que toda Lisboa tem assistido.

Nesta conformidade, não é só para mim grande prazer, mas também dever, trazer à apreciação do illustre I Congresso Nacional de Caça e Tiro, o trabalho que me foi possível realizar sôbre o Perdigueiro Nacional e que vou ter a honra de submeter à vossa apreciação.

Nem todo êle é inédito (parte já a publiquei cá e em França) mas, tal qual é, atrevo-me a reputá-lo de honesto e único no seu género.

CAPÍTULO I

O Podengo de Mostra Português

Sua origem e evolução

Para acompanharmos a evolução dos cães de mostra, desde a sua origem até aos nossos dias, dado os remotíssimos séculos que de nós separam os tipos dos cães originários, não temos outro recurso senão dar a êste trabalho, no seu início, alicerces hipotéticos, ou melhor ainda, baseá-los em hipóteses mais ou menos racionais, estribando-nos em ligeiros vestígios, arrancados às espessas trevas que envolvem as mais afastadas épocas da humanidade; isto feito, encaminhar-nos-emos, então, pouco a pouco, até às provas documentais.

O cão doméstico, embora se não possa precisar a data em que foi reduzido à domesticidade, é, indiscutivelmente, a primeira conquista do homem, pois, sem o auxílio do cão, não poderia ter caminhado nunca na progressiva escala que o trouxe até às actuais civilizações.

Êle deve ser o companheiro do homem, pelo menos, desde as cavernas dos tempos pre-históricos, pois é isso confirmado pelas descobertas arqueológicas de ossadas de cães, de mistura com ossadas dos habitantes das cavernas, no *ocidente europeu*.

Os cães das mais diversas raças, foram representados há milhares de anos, nos monumentos da antiquíssima civiliza-

ção fenícia e egípcia, prova de que já então e muito antes mesmo destas épocas, o *cannis familiaris* dos naturalistas, vivia na companhia do homem, caçando para êle, defendendo-o das feras, guardando-lhe as suas habitações e os seus gados, prestando-lhe, enfim, os mesmos múltiplos serviços que hoje em dia lhe presta.

No que respeita às origens dos diversos tipos, que já então existiam, visto estarem esculpidos nos referidos monumentos, continua a ser um problema de difícil, senão impossível solução.

As teorias de Buffon e Linné, *de origem única*, estão completamente postas de parte, pois, a pluralidade de origens, é racional em absoluto e o caminho indicado por uma esmagadora maioria dos mais eminentes zoólogos e cinofilistas. Não nos embrenhemos, porém, em dissertações sobre pluralidades de origem do cão doméstico e entremos directamente na matéria que nos interessa agora, ou seja, a origem do cão de mostra.

Os cães de mostra tiveram a sua origem em determinados cães de caça, de «busca», e só à altanaria, ou arte de caçar com o falcão, devem os perdigueiros as suas incomparáveis qualidades.

Ora, a arte da altanaria, é antiquíssima, e difícil se torna afirmar qual foi o povo que a iniciou, embora o sábio alemão Grimm e ainda Schlegel, a imputem aos povos *primitivos da Europa* ou da *Ásia*.

Lenz, que fez um estudo sério sobre a nobre arte da altanaria e falcoaria, diz que : — «a arte de adestrar os falcões para a caça é muito remota, tão remota que se perde na noite dos tempos», e inicia os seus estudos a partir do ano 400 da era cristã ; todavia, como adiante veremos, ela já vinha de milhares de anos atrás, pois há dados desconhecidos de Lenz que assim o provam.

Sabida a existência da falcoaria nos mais recuados tempos, vejamos desde quando o falcoeiro se fazia acompanhar de cães, embora seja racional supor que, desde sempre, dêles se serviu.

«Ainda não existiam as flechas e já o cão era o auxiliar do caçador, quando o falcão caçava no ar a sua presa» — (*La Vida de los Animales*, trad. esp. da monumental obra do zoólogo Dr. A. Brehm).

Todavia, ainda há quem só queira ver o cão, companheiro do falcão, numa época muito mais recente, opinião insustentável, porquanto, existem no museu do Louvre, em Paris, amostras de mosaicos fenícios, representando caçadas com falcão e cães; e... este povo, já vivia na Síria desde o xxiv século antes de Cristo!...

Mas, conquanto, a falcoaria venha até nós desde as mais longínquas eras e os fenícios já na altanaria usassem cães, como são prova bastante os referidos mosaicos, não abundam, porém, os informes positivos sobre os cães que se «amarrassem», ou melhor, que revelassem natural tendência para isso, e, tais provas, só aparecem a partir do v século antes de Cristo.

Os cães de caça, à semelhança do que hoje sucede, dividiam-se então em dois grupos: os que perseguiam e «carregavam» a caça até a matar, e os que a «buscavam» e cautelosamente tentavam surpreendê-la ou apanhá-la na cama.

É lícito supor, portanto, que foi deste último grupo que o homem escolheu, separou e seleccionou os que melhor podiam servir de ajuda ao falcão, levantando a caça escondida e que este ou o açôr, por sua vez, apanhavam em pleno vôo.

Ora, é desta selecção de cães escolhidos para servir o falcão, que saiu o cão de mostra, pela única e simples razão de que os outros cães, não tendo o instinto de tentar apanhar a caça *por surpresa*, nunca poderiam conter em si o gérmen da «mostra».

«A «amarração» ou mostra existe de intuição no animal; e, se não existisse pelo menos um instinto rudimentar, não haveria lições possíveis neste mundo que fôsem capazes de lho dar.» — (*Histoire et Moeurs des Animaux*, 1901, pág. 768, obra dos professores do «Muzéum» de França).

Esta opinião é inteligente e lógica, tanto mais que a vemos confirmada pela pena do mais ilustre prático de todos os tempos: «O hábito da mostra é o prolongamento artificial da pausa ou paragem instintiva adoptada por um carnívoro quando sente próxima a presa.» — (*The Pointer*, pág. 10 do prefácio, por W. Arckwright).

Abandonemos, porém, os vestígios e as hipóteses e vamos para a prova documental, a única que será capaz de satisfazer aqueles que são como S. Tomé.

O cão de buscar, do falcoeiro, aquele que, uma longa he-

reditariedade na caça das aves, lhe deu o hábito duma maior pausa ou demora ou chegar junto da caça, acabou, com os séculos, por se assemelhar aos perdigueiros dos nossos dias. E já assim era no ano 440 antes da nossa era : — «Cão de busca «parando-se» mal sente a caça e não se lançando sôbre ela senão quando esta levanta.» — *Cinégetique de Xenophon*, pág. 12, trad. franc. de Cunisset — Carnot).

Aqui temos, pela pena de Xenofonte, as primeiras e bem claras referências sôbre o cão de buscar que se «marrava» e: «aqui está, certamente, a origem do cão de mostra, obtida pela criação e selecção dos cães que agiam desta forma.» (Nota do tradutor da obra acima).

Todavia, depois desta clara luz, é por toda a parte noite e silêncio através dos séculos, só se tornando a ver alguma claridade sob Sidónio — Apolinário no ano (430-481) da nossa era.

Como acabamos de ver, o emprêgo de cães na altanaria, é muito remoto ; todavia os dados positivamente históricos, só nos aparecem nos primeiros séculos da nossa era.

«Eram já vulgarmente empregados os cães do falcão (*canis acceptorius*), no reino de Dagoberto I (630), porquanto, um dos artigos da sua Lei dos Bávaros, fixara em 3 «solidi» de oiro a multa aplicada a quem matasse algum dêstes cães» — (*Origine et Evolution Intélectuelle du Chien d'Arrêt*, por C. A. Pietrement).

Temos, portanto, a certeza de que no v ou vi século, o cão do falcoeiro era uma realidade, e, muitos tratadistas lhe atribuem uma origem *occidental europeia*, para acabarem, «*una voce*», em confirmar ao «chien d'oysel», a sua pátria, na Península Ibérica. Provarei isto no decorrer dêste modesto trabalho, com citações várias. Por agora continuemos a acompanhar o cão de falcão através os séculos.

No *Grand Traité de Fauconerie Classic des Arabes*, obra do século x, por Mohamed el Mangali, «fala-se de várias raças de cães, e, entre elas, o cão de «parar» que possui o olfato». Nada, porém, até aqui nos vem dizer qual a conformação e raça que pertencia ao cão de falcão. Parece até que seria de várias raças a julgar pelas classificações dadas pelos mais eminentes zoólogos; uns chamam-lhe «*canis avicularis*» ou «*canis acceptorius*» (cão de falcão), outros «*canis sagax venaticus*», etc., só se podendo depreender, que differia das

restantes raças empregadas na caça, pelo simples facto de acompanhar e caçar para o falcão.

Pertence, porém, a nós portugueses, o prazer de poder-mos apresentar aos caçadores de todo o mundo, os vestígios do que era fisicamente o cão de falcão no XI ou XII século, visto que temos a prova, no Museu do Carmo, em Lisboa, no túmulo de Fernão Sanches, filho de el-rei D. Diniz (1261-1325), a prova mais que suficiente para convencer os menos crédulos.

Nessa época, pelo menos em Portugal, os cães empregados na altanaria, eram em tudo semelhantes aos perdigueiros dos nossos dias, a julgar pela descrição feita por Esteves Pereira, no Apêndice IV ao *Livro de Montaria de D. João I*, ao referir-se às esculturas duma das faces do referido túmulo:

(1.º) «*Uma azinheira, caracterizada pelas fôlhas e lande, a cujo tronco está um pequeno cão (sabujo) em attitude de querer subir.*

(2.º) *Um monteiro a cavallo tendo na mão direita um açôr».*

Não devemos concluir daqui que o artista quis representar uma cena da caça de altanaria, e, o cão, na *invulgar* attitude de querer trepar à azinheira, não indicará que é um cão destinado à caça das aves? Nenhuma dúvida me resta sobre isto. Pena é, porém, que a escultura não tenha a nitidez precisa para nos dar claros detalhes da raça a que pertence o cão ali esculpido, embora eu, por exame feito à foto dessa escultura e publicada na «Gazeta das Aldeias», num artigo do excelente e distinto cinofilista Armando Corrêa, esteja convencido tratar-se do «*podengo de mostra*», nome que, em Portugal, sempre foi dado aos cães destinados a caçar as aves, e isto, desde Afonso III (1248-1279) e que, como a referida gravura indica, tinha as mesmas características esqueléticas e morfológicas dos perdigueiros dos nossos dias.

Se nesta época, porém, a não ser no túmulo do Museu do Carmo, nada existe na Europa que nos diga como eram os cães de mostra, há, em compensação, bastantes provas históricas de que o cão do falcoeiro já então como hoje se «amarrava», não só cá, como no resto do continente.

Fala-se dêle até como de um verdadeiro cão de mostra ou de «parar». «Encontrei, pela primeira vez, terreno sólido no século XIII, na alusão quási sincrónica feita aos cães de perdiz por dois autores de nacionalidade diferente.....

... Alberto, o Grande (1193-1280), no de «*Animalibus*», faz esta interessante exposição, provavelmente pela primeira vez escrita até então: «No entanto, os cães empregados para caçar aves, parecem possuir tais qualidades, mais pelo ensino que pelo sentido do olfato, embora elas lhe venham dêstes dois factores. Eis como se faz a sua educação: em princípio, levam-se bastas vezes para junto de perdizes cativas, e obrigam-se a andar à roda delas durante bastante tempo; mas, logo de comêço é preciso que achem as perdizes graças ao olfato, e é assim, que é freqüente, quando debutam, que se deitem (ponunt) ao sentir as emanções das aves cativas». — (Livro xxii, pág. 173).

«Como mais adiante veremos as palavras dêste escritor italiano foram cedo confirmadas por Dante e por quadros de mestres eminentes». — (*The Pointer*, por Arckwright).

Temos nós, portanto, confirmada, segundo a preciosa obra de Arckwright, a existência do cão de mostra; demais, já bem definido por sinal, no século x, no *Grand Traité de Fauconnerie classic des Arabes*, pelas palavras: «cão de parar que possui o olfato».

Logo adiante, no século xv, Gastão Fœbus, falando dos cães de falcão ou espanhol, frisa a sua origem peninsular — «Pour ce que c'esta nature vien d'Espaigne» — e diz-nos até como deve ser o cão de mostra: «Bom cão de falcão (d'oysel) deve ter grande cabeça (teste), corpo grande e belo, de pelagem branca ou canela :

«São estes os mais formosos e com tal pelagem são geralmente bons, mas esta, não deve ser muito felpuda e deve ter a ponta da cauda espigada (espié)..... é sua especialidade a caça da perdiz e codorniz..... também, quando ensinados a deitar-se (a «mostrar» deitados) são bons para apanhar a perdiz e a codorniz com rêdes».

Emquanto o cão de mostra, na Europa toda é chamado cão de falcão, cão de aves, cão espanhol, ou cão «couchant», etc., sendo só classificado no seu verdadeiro lugar nos princípios do século xvii, época em que começam a denominá-lo «chient d'arrêt», em Portugal tinha já 3 ou 4 séculos antes, a mesma denominação concreta e precisa de hoje em dia; isto é, «podengo» ou «podengo de mostra»: «assi não devem castigar hum allaão como a hum podengo de mostra,

que nunca se castiga senão per couces e pancada». — (*Livro da Montaria de D. João I* (1385-1433, pág. 68).

O grande mestre, que poderemos afoitamente classificar como o maior *cinófilo* de todos os tempos e que não conhecia *infelizmente* a monumental obra cinegética de D. João I, onde a existência do cão de parar está nitidamente indicada no termo «podengo de mostra», adivinhava, presentia, com o seu maravilhoso instinto de invulgar e ilustrado canicultor, que o cão perdigueiro era uma raça de todas diferente já em épocas recuadas: «o cão de perdiz de Espanha deve ter sido uma raça à parte e já fixa antigamente, isto bem antes do século xv». — (*The Pointher*, pág. 19).

E, realmente, ninguém pode, a não ser a Península Ibérica, reclamar para si a origem do cão de mostra, pois só ela claramente apresenta provas de já os possuir antes de qualquer outra região da Europa.

E como veremos, tal supremacia, nos é de facto, reconhecida por várias nações, pela pena dos seus escritores, alguns dos quais confessam as invulgares qualidades dos nossos cães na caça das perdizes.

A França claramente o diz pela pena do mais antigo dos seus tratadistas cinegéticos, Gastão Phœbus, conde de Foix, como já atrás vimos, e a Alemanha tão pouco o nega: «Os cães espanhois devotados aos seus donos e de sagacidade recomendável, são sobretudo empregados para achar as perdizes e lebres. Não são, porém, tão apreciados para procurar a caça grossa; porque, na sua maioria, batem o terreno a grande distância, não caçando, portanto, tão próximos como os cães nacionais. — (*Rei Rusticoe, libri quatour*, de Conrad Heresbach, pág. 353 — Colónia 1570).

Quanto à Inglaterra, essa é clara e positiva sobre a origem dos seus Pointers. «Esta espécie foi introduzida aqui, no princípio do presente século; é reconhecida como originária de Espanha ou Portugal...

...a primeira vez que me lembra tê-los visto, vai, há 40 anos mais ou menos». — (*A Treatise on Field Diversions*, pág. 14, por H. Symonds, 1776).

É, pois, dos cães de mostra da Península, quer dizer dos perdigueiros peninsulares, que descendem todos os «bracos» e «setters» de mostra da Europa. Foram os nossos cães que imprimiram nos vários «bracos» de caça ou «chiens courants»

as raras qualidades de parar que a estes faltava e que o tempo, o clima e o ensino, etc., acabaram por transformar nos vários tipos de «bracos» de mostra actuais.

Não posso acabar êste capítulo, porém, sem deixar de registar a ideia que me fica bem arreigada, de que, até os próprios perdigueiros de Espanha, são, possivelmente, descendentes do nosso antiquíssimo podengo de mostra, porquanto, nenhum tratado de caça conheço, nem tão pouco Arckwright, que sôbre 300 e tal obras investigou a origem do perdigueiro, onde uma referência tão clara e tão antiga, como a do *Livro da Montaria de D. João I*, apareça a indicar o cão de mostra com uma classificação tão concreta.

As referências espanholas que depois desta data aparecem, em vários tratados antigos do século xv, não falam duma raça, mas apenas «perros de muestra», enquanto D. João I não diz cão, mas sim «podengo», quer dizer, aponta a raça a que pertencia o cão de mostra; e, podengo, já em Afonso iii é indicado como o cão que acompanhava o falcoeiro, ou melhor, já no século xii, pelo menos, era uma raça fixa e distinta e em Portugal destinada à caça das aves.

CAPÍTULO II

Os dois tipos Ibéricos

Desde o século xvi ou xvii que há notícia da existência, na Península, de duas raças de cães de mostra, com características absolutamente distintas, tanto esqueléticas como morfológicas e, até mesmo, morais.

Um dos tipos cabe, dentro da classificação de «rectilíneo» (fig. 1), ou, digamos, cuja ossatura evidencia linhas rectas e o outro, dentro de «convexilíneo», ou seja, que apresenta o seu esqueleto com linhas convexas, curvas arredondadas (fig. 2). Poderemos ainda dizer tipo «molossoide» e tipo «bracoide», querendo optar por esta classificação, preconizada por Pierre Mègnin.

O primeiro, o «rectilíneo», o mais antigo, é que é o verdadeiro cão de «mostra», e aquele que serviu de fundamento para todas as outras raças de «parar», o segundo, pertence aos bracos de matilha e é tão continental, quanto o cão de mostra é peninsular.

O «rectilíneo» é aquele que vemos no Museu do Carmo em Lisboa, no túmulo de D. Fernão Sanches (1261-1325), que mais tarde Heresbach (1570), descreve pelas palavras: — «*porque na sua maioria batem o terreno a grande distância*», os quais, tempos depois, Espinar, na «Arte de la Ballestria»



Fig. 1 — *Perdigueiro Português* (Reprodução de uma gravura antiga)

(1664), afirma: — «*tão ligeiros que parecem voar sobre o solo*» — de quem o grande mestre W. Arckwright, no «The Pointer», a pág. 19 (séc. xix), indica: — «*que deve ter sido uma raça à parte e já fixa, antigamente, isto bem antes do séc. xv*», e possa determinar, aquele que H. Anachorêta a pág. 38 da revista «A Caça» (1903-4), diz ser: — «*originário da Andaluzia*» — aproximando-se assim, evidentemente, da verdade, embora fazendo uma lamentável confusão, ao denominá-lo Navarro, que é um «convexilíneo», mas descrevendo-o, afinal, de tal forma, que logo se vê ser «rectilíneo». De resto, esta confusão não é só dêle, mas de todos os caçadores que sempre erradamente quiseram ver uma só raça onde, afinal, pelo menos, desde o século xv ou xvi, existem duas.

Uma a centro e oriente da Península, com marcante tipo «bracoide», pela fusão com o «chien courant» da Gasconha e outros «bracos» de matilha, outra a ocidente, isento da influência marcante dos cães de matilha continentais, e que, exactamente por isso, conservou o tipo rectilíneo autoctone, ou seja o «podengo de mostra», o perdigueiro português, que adiante detalhadamente analisaremos (fig. 1).

O primeiro, é o tão celebrado «Navarro» que vamos descrever, para vermos se, duma vez para sempre, acabam entre nós as confusões.

Segundo a descrição de Sélincourt (1683), era: *«de grande estatura e corpulência, êste braco de Espanha, de formas robustas, com pesada cabeça, longas orelhas, focinho quadrado, nariz grosso, lábios pendentes, caídos, pescoço espesso, patas longas e fortes; a sua pelagem era curta, ordinariamente branca com grandes malhas castanhas»*.....
... Evidentemente que estes cães pesados, descritos por Sélincourt, não são os mesmos descritos pelo seu contemporâneo Espinar (1644) tudo leva a crer, efectivamente, que o gentil-homem francês descreveu o velho braco da Navarra. — (*Le Braque Français*, págs. 8 e 9, pelo dr. Castets e B. de Sénac-Lagrange).

Do pesado cão da Navarra, são hoje seus descendentes: o velho «braco» Francês ou dos Pirinéus, em cujo «standard» se vê os seguintes requisitos — *Cabeça grande, crânio de forma oval e ligeiramente arredondado, «stop» quasi nulo, focinho rectangular, lábios grandes, caídos, de cantos pregueados, nariz ligeiramente curvo*; o «pachon» de Vitória e ainda o seu mais directo representante, o «Braco» de Burgos, a quem o padrão-guia impõe a seguinte construção: *Cabeça pesada, grande, de crânio ligeiramente redondo (abaúlado), focinho longo quadrado, quasi sem quebra, ligeiramente curvo, lábios grandes e bem pendentes; orelhas finas, pendentes, amachucadas e caindo em pregas, membros de forte ossatura e grosseira. Sòlidamente construído, mas excessivamente mole e lasso nos seus movimentos, maior e bem mais pesado que o «poïnter» (30 a 35 quilos de pêso), etc.* (Consultar os «standards» respectivos).

Como se vê, os seus actuais descendentes, ainda conservam o tipo decrito por Sélincourt, especialmente o velho

Braco Francês e o seu ainda mais directo representante Braco de Burgos (fig. 2).

Do «podengo de mostra» ou perdigueiro português, são seus representantes, o nosso actual perdigueiro, os «póinters», e ainda todos os cães de parar (d'arrêt), que beneficiaram com grandes doses de sangue pointer, como: os Saint-Germain, Bleu de Auvergne, «braco» alemão ligeiro e, ainda, todos os demais bracos de mostra que evidenciem um tipo ligeiro «rectilíneo».

Adiante, no decorrer do trabalho, se darão mais elementos sobre isto, assim como a prova de que o «convexilíneo» (Navarro) existe em Espanha e o «rectilíneo» (perd. português)

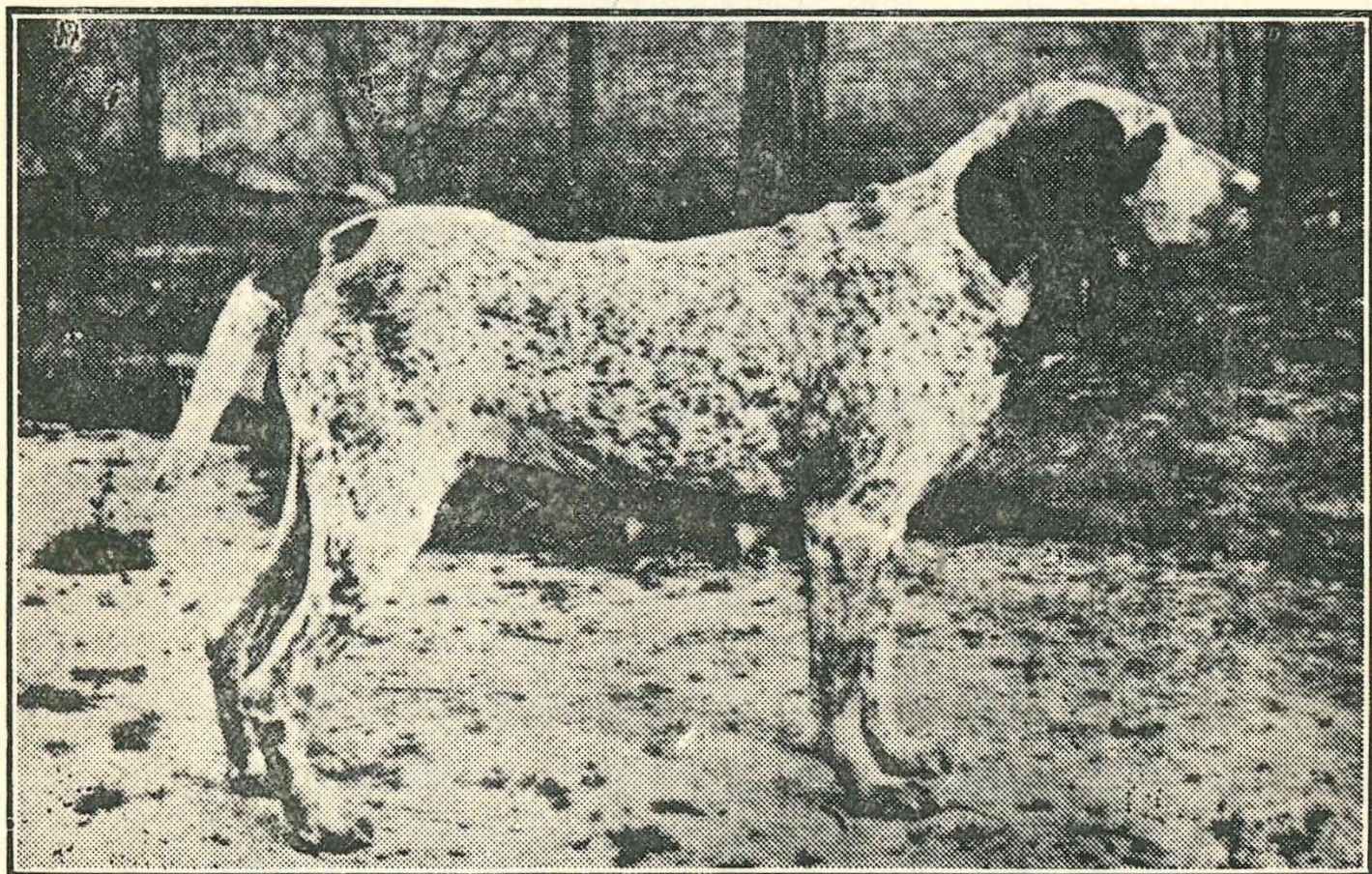


Fig. 2 — *Braco de Burgos (o mais directo representante do Navarro)*

1.º prémio a C. A. C. na Exposição Canina de Madrid em 1921 e Prémio de Honra de S. Majestade a Rainha de Espanha

é ali desconhecido como raça espanhola. Este só a Portugal pertence desde os alvares da nacionalidade, se é que não pertenceu desde sempre ao solo da Lusitânia, como estou convencido.

CAPÍTULO III

O Perdigueiro Português

Creio que suficientemente demonstrado ficou, nos anteriores capítulos, que a existência do perdigueiro entre nós é já de muitos séculos.

A prová-lo estão irrefutáveis documentos históricos e estes me convencem, de que, vem mesmo de antes da constituição da nacionalidade, porquanto, dizendo as «Ordenações» (1248-1279) : — «*e os açoreiros que levem os podengos*», dá implicitamente indicação da raça a que pertenciam os cães dos açoreiros; ora, quando se dá nome a uma raça, é porque ela existe, conseqüentemente, denuncia isso características



Fig. 3 — Cabeça — protótipo

fixas, e, para que estas existam, necessário se torna um prazo nunca inferior a 150 anos, o que nos leva para antes da formação da nacionalidade, pelo menos.

Mas há ainda mais: o nosso perdigueiro, tem-se mantido sempre nas suas linhas primordiais, inconfundível, resistindo vitoriosamente a todos os inconsiderados cruzamentos e predominando sempre, como vereis, se comparardes as características do «sabujo» (um dos seus antepassados) descritos no «Livro da Montaria», com as actuais e as (figs. 1 e 5 a 18).

Isto que mais não fôsse, esta resistência à absorção, só por si, é razão suficiente para o supormos indígena, básicas as suas qualidades e o seu tipo esquelético; quando digo básicas (as suas qualidades e o seu tipo), quero dizer, qualidades que serviram de alicerce às demais raças de mostra da Europa. Nos cruzamentos, entre raças da mesma origem, como as características se somam, não alteram a raça básica, que fica a prevalecer, e, em poucas gerações, inutiliza os elementos a ela estranhos.

Não fui só eu a chegar a estas conclusões; como eu, o distintíssimo amador e juiz francês canicultor, R. de Kermadec, por caminhos diferentes, ao analisar e estudar os «bracos» franceses, chegou também a concluir que o cão de mostra de linhas «rectilíneas», é que era o autêntico cão de mostra. Isto sem conhecermos mutuamente os nossos estudos, ignorando-nos completamente, pois que as nossas relações só se estabeleceram depois do artigo em que êle versava o assunto, inserto na «Revue Cinégetique et Canine l'Eleveur, Paris», o qual me chamou a atenção, exactamente por versar os mesmos pontos de vista que eu, tempos antes, tratara no «Século» n.º 16:287, de 1927.

O nosso perdigueiro nacional, representante do físico e das artes, do antigo podengo de mostra, influenciado pelo sangue do seu próximo parente «sabujo», ainda hoje, para os caçadores e populações rurais do norte do país, conserva a denominação de «podengo».

Por «podengo», é sempre tido o perdigueiro; é frequente ouvir-se pelas aldeias do Minho, Douro e Traz-os-Montes, frases como estas: — «já destes de comer à podenga», ou então «que lindo podengo!», «o podengo «marra-se» bem?», etc.

Embora isto pese àqueles que dão tal nome aos coelheiros (denominação porque estes são conhecidos no sul), mas só aí, nem por isso deixa de ser a verdade. Quer pela tradição, quer pelos velhos tratados cinegéticos portugueses, quer até mesmo pela própria etimologia da palavra; «*podengo*» foi sempre, em Portugal, um cão destinado à caça das aves.

Vê-se isso nas «Ordenações», de D. Afonso III, no «Livro da Montaria de D. João I», e, ainda, bem mais tarde, já no século xvii, na «Arte da Caça de Altanaria», por Diogo Fernandes Ferreira, há diferentes passagens, que provam, que

o podengo caçava às perdizes na companhia do falcão; até mesmo o zoólogo, Dr. Brehm, apresenta o podengo como perdigueiro, pois diz — «*Canis familiaris avicularius ou canis sagax venaticus*».

O que está perfeitamente de acôrdo com a etimologia da palavra, como veremos :

PODENGOS :

(Do latim pèdes, pés e des. engo, deriv. de gême, joelho, porque tem os pés grossos). Cão de pernas curtas e grossas de caçar coelhos: — cão de água, que entra na água.

(Dic. Enc. p. D. José Correia de Lacerda).

PODENGOS :

Cão que caça coelhos. Há mais baixo que o galgo que caça lebres. *Canis Venator cunicolorum*. Podengo de nome gené-



Fig. 4 — Cabeça tipo atual

rico de outros cães. Os *falcoeiros ou caçadores de volateria* chamão podengos a outros caens muito diferentes dos que ordinariamente chamamos podengos. — (Voc. Port. e Lat., p. Padre D. Rafael Bluteau).

Quanto ao cão nacional, de coelhos, entre caçadores e nas populações rurais no norte, nunca outra coisa se lhe chamou senão coelheiro.

Verdade é também que, nos dictionários, compulsados

desde o século XVIII para cá, lê-se podengo como cão coelheiro, mas também, como todos ou quasi todos pretendem a palavra derivada do castelhano «*podenco*» e se copiam uns aos outros, não admira.

Mas, não será por estes derivarem do castelhano? Não será esta denominação *que, por assim dizer, pertence ao sul*, uma influência da denominação espanhola e da estadia, em Lisboa, durante os 60 anos do domínio castelhano, dos funcionários e fidalgos espanhóis?

Leva-me a esta ordem de ideias, além do que acima relato, uma frase do tratadista cinegético espanhol Espinar (1644) — «*los conejos los matam en Portugal com podencos a que llaman conejeros*». Pelo visto, nesta época, *ainda em Portugal*, aos cães de coelho se chamava, como hoje no norte, coelheiros e não podengos.

Se o «podengo», segundo a etimologia, é um cão pata-nhudo, de pés e joelhos grossos, não é podengo para ela o coelheiro nacional, de pernas finas e delicadas, pé comprido e estreito, em forma de pé de lebre, como nunca o foi para os tratados cinegéticos, nem mesmo para os caçadores de então (Espinar), nem para os do norte, mesmo hoje.

Não estará demasiado evidente que, em Portugal e para os caçadores (que neste caso é o que importa), podengo foi sempre um cão de mostra que caça aves?!

Mas prossigamos: saído dos «podengos de mostra» e dos seus parentes próximos — «sabujos», temos de admitir que foram estes, seus longínquos antepassados, quem lhes imprimiu o tipo único e inconfundível e o afasta e distingue das restantes raças de mostra.

O nosso perdigueiro, ao contrário do que muitos amadores querem, porque o confundem com os anavarrados, não é pesadão, lento e de longas orelhas. Isto é um engano, filho de erros e do «snobismo» daqueles que, há uns cinquenta anos atrás, davam a preferência aos cães espanhóis, «pachon» e «navarro» como os de hoje a dão ao «poínter» e aos «bracos», só porque são estrangeiros.

Os cães nacionais, em nenhuma das 4 raças conhecidas e estudadas, primam pelo comprimento da orelha, nem tão pouco dão indício algum de tipo «convexilíneo», e isto desde o sem raça das ruas e aldeias, até ao formosíssimo e valente Serra da Estrêla.

O perdigueiro português é apenas de orelhas não longas, mas tão somente médias. A abundância d'este apêndice, tão pouco é, como muitos erradamente julgam, indício de grande nariz. Bem pequena é a orelha do cão de gado alsaciano e, todavia, é um polícia de delicadíssimo olfato, capaz de seguir a pista de um homem, decorridas 20, 30 e 50 horas, por caminhos e estradas, onde outras pistas se cruzam e recruzam ! Não é também o «poïnter», de todos os cães de mostra, aquele que se apresenta com a orelha mais pequena ? Há alguém, porém, que lhe negue um nariz potentíssimo ? !

Ao animal que «caça de ventos» (e estes são freqüentes e mais abundantes nos nossos e no «poïnter»), qualidade primordial dum cão de mostra, pertence, de maneira geral, a orelha média e inserida acima do nível dos olhos, o que se lhe exige é que caia bem, descendo em cortina, quebrando bem; êste facto não é só apontado por mim, já tem sido notado também por vários canicultores antigos e modernos e confirmado por mestres, como Domanget, o autor do célebre «Dressage de Fram».

Mas não divaguemos mais. O perdigueiro nacional, espalhado com maior ou menor abundância por todo o país, é, todavia, mais comum no norte, e, os mais característicos, vêem-se em: Amarante, Montalegre, Vieira do Minho, Vila Verde, Amares, Ponte do Lima, Braga, Pôrto, Bragança, Vila da Feira e Arouca. Merecem, para mim, especial preferência os sangues de: Amarante, Montalegre e Vila da Feira, sendo também notáveis determinados animais em Ponte do Lima e Bragança.

Não quero, porém, com isto afirmar que seja só chegar a qualquer destas localidades, adquirir um cão, para logo ficar na posse dum excelente perdigueiro. Na generalidade, como tipo, serão apenas regulares, mas as suas qualidades cinegéticas são, em geral, boas, e a mais das vezes, para não dizer sempre, superiores aos bons cães vindos do estrangeiro, pesados a oiro.

Seu Padrão — Guia

Standart

Aspecto Geral :

O protótipo do trotador, rápido, resistente, infatigável e robusto. De aspecto rijo, com ar vivo, atento e inteligente; na sua rusticidade há nobreza e valor (V. figs. 5, 6 e 7).



Fig. 5 — *Perdigueiro Português tipo atual*

Cabeça :

Quere-se volumosa de largo crânio, quadrado e quasi plano (fig. 3), parecendo grande para o corpo, bem esculpida, fronte elevada com arcados bem desenhados e fazendo ângulo recto com o focinho. A cabeça é a sua característica predominante, é inconfundível e em nada se assemelha à dos «bracos»; apenas se parece com a de alguns antigos «pointers» (velho tipo).

Orelhas :

Inseridas altas, bem acima do nível dos olhos, e, com o animal atento, quando vistos de frente, assemelham-se a uma borboleta (V. fig. 5), largas na base, dobrando bem e caindo em cortina, sem pregas de maior e um pouco onduladas (nunca torcidas ou enroladas), antes ligeiramente

planas, fartas, mas nunca longas, espessas ou carnudas, algo arredondadas na extremidade e nunca em ponta estreita como as do «pointer».

Focinho :

Grosso e rectangular, direito, na base bem quebrado em ângulo recto com a fronte (stop), às vezes um tudo nada arrebitado, antes curto que comprido, não aguçado. *Lábios :* bem descidos, completando, até à extremidade, a forma rectangular do focinho, sem serem pendentes ou frouxos. *Bogalho:* Bem grosso e volumoso, bem móbil, escuro, de largas narinas bem abertas.

Corpo :

Tronco robusto, musculado médio, antes um tudo nada sôbre o curto. *Pescoço :* elegante, embora ligeiramente curto e robusto, sem pele frouxa e sem barbela e preferível é enxuto e bem assente no tronco. *Peito :* profundo, em forma de quilha de barco, com costelas ligeiramente arqueadas, longas e rígidas, atingindo o nível do cotovêlo ou passando. *Rim :* curto, sólido, largo, musculado, ligeiramente abaúlado, mas



Fig. 6 — *Perdigueiro Português tipo atual*

mantendo a horizontal. *Cauda:* não grossa, nem longa, antes o contrário, embora não atinja os extremos do «pointer», inserida um pouco alto e de porte horizontal, ligeiramente

oblíqua para cima ou para baixo, ou caída em braço de bomba. Nos animais de trabalho é preferível cortada.

Membros :

Não longos, antes curtos, fortes, robustos, musculados, sólidos, mas bem desenhados. *Patas* : cheias, carnudas, sôbre o largo, sola carnuda e escura, dedos arqueados, unhas curtas e robustas.

Côr e Pêlo :

Unicolor de preferência: Preto, castanho, côr de boi (vermelho), amarelo (camurça), café com leite ou branco, às vezes com xaiREL escuro e extremidades, das côres mais claras (fig. 1). Admitem-se, presentemente, malhados, pigarços, ou pigarços com malhas. Os 4 olhos não constitue defeito, antes pelo contrário. *Pêlo* : curto, não rarefeito e, às vezes, até muito cerrado e forte.

Altura :

Machos: 0,50 a 0,60. Fêmeas: 0,46 a 56.

Defeitos graves :

Embora só assim se considerem, por emquanto, devem, dentro de poucos anos, constituir defeitos eliminatórios: cabeça estreita e longa, crânio convexo e estreito, ovoide, focinho curvo, focinho de ovelha, fino, sem quebra ou fugidio (stop); barbela pronunciada demais; olhos de pálpebra descaída; orelhas longas, torcidas, caindo em farrapo, quebrando mal e para o lado, afastadas do crânio, ou pequenas demais; corpo nitidamente sôbre o longo demais; tórax redondo, cilíndrico, sem feitio de quilha; abdômen muito apanhado, no género do galgo; cauda muito curva e no ar, enrolada, ou inserida muito baixo.

(Publicado já no «Caçador», de 1931, e em «Tous les chiens», «Races et Standarts», album ilustrado de cerca de mil pág., p. H. Henillet (1934). Obra sob o patrocínio do Ministério da Agricultura de França).

Aqui têm os amadores do perdigueiro, quais os principais requisitos, ou melhor, as características que é necessário êle reúna, numa percentagem de 65 a 70 %, pelo menos, para se poder considerar um bom perdigueiro nacional.

Quem se quiser regular pelo padrão que estabeleci, pode facilmente escolher e seleccionar os seus animais, certo de que trilhará no bom caminho, não perdendo de vista, porém, e sobretudo, o evitar os grandes defeitos.

Sôbre a conformação da cabeça, em especial, é que deve incidir toda a atenção do criador, cingindo-se o mais estritamente possível aos requisitos do padrão e da fig 3 e esco-

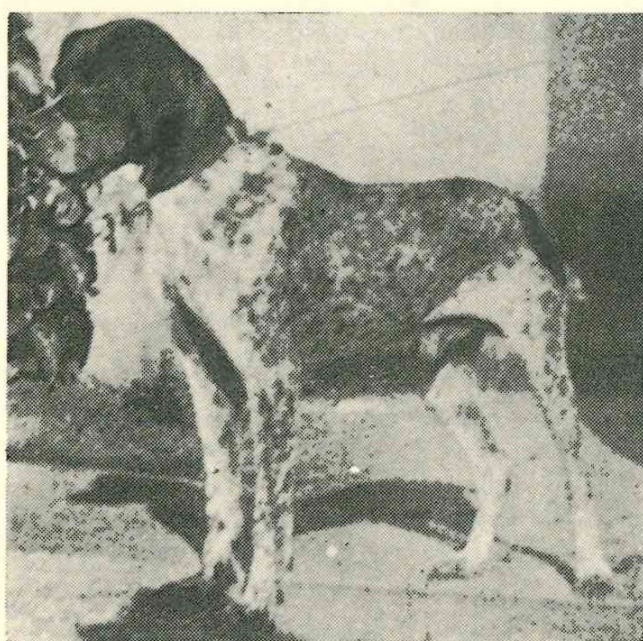


Fig. 7 — *Perdigueiro Português*
3.º prémio — *Exp. Can. do Norte* — 1929

lhendo de preferência os produtos que mais dela se aproximarem.

Todos podem ter um óptimo colaborador de raça nacional, bom na caça, alguns, estampas regulares, mas só poucos poderão conseguir, para já, animais dignos de serem classificados em Exposições, nos primeiros lugares. É que, nestes certames, nem só se exige animais típicos, é preciso ainda que, além de terem raça definida, acusem bons físicos; a sua classificação só será alta se estes dois pontos se reunirem para o valorizar.

O que se dá com os nossos cães, dá-se também com as demais raças estrangeiras; tenho julgado e visto centenas e centenas de cães das mais variadas raças e, os realmente

óptimos exemplares, em todas elas, só os há em deminuta quantidade.

Não desanimem, portanto. O nosso velho e notável cão de mostra merece o carinho de todos.

CAPÍTULO IV

As influências doutros sangues

Apenas com as indicações do padrão-guia, quem não tiver bem na retina o tipo definido, ver-se-á em sérios embaraços para a escolha de reprodutores ou selecção de produtos. Conseqüentemente, é de toda a conveniência fixar as gravuras aqui dadas, observando-as com atenção, analisando-as e comparando-as; todas elas são de animais de famílias diversas e de diversos locais, mas que, apesar disso, denunciam, evidenciam a mesma conformação esquelética «rectilínea», apenas divergindo em pequenos nadas e côres.

Qualquer das gravuras, patenteia frisantemente, iniludivelmente, a mesma construção osteológica e da gravura antiga (fig. 1), vê-se que todos os cães actuais saíram daquela origem.

Apesar, porém, da nossa velha raça de mostra predominar duma forma esmagadora e geral em todos os perdigueiros espalhados pelo país, provando-nos assim que é aborígene e resistindo tenazmente a todos os inconsiderados cruzamentos a que a ignorância a tem submetido, não quere dizer que se não encontrem, um pouco e por toda a parte, exemplares onde é fácil adivinhar influências próximas ou afastadas, de sangue «Navarro», «Pachon», «Poïnter», «Braco» alemão e Coelheiro.

É, todavia, obrigação patriótica, moral e desportiva, para todo aquele que possui cães nacionais, seja mesmo para uso próprio, não fazer mais misturas e cruzamentos do que os já existentes, a fim de os poupar a abastardamentos.

Os produtos de «cruzas» nunca se devem aproveitar para a reprodução, nem mesmo os que evidenciem sinais bem apparentes de sangue estranho, sobretudo, na construção esquelética da cabeça. Esse recurso é só lícito aqueles que, conhecedores dos mistérios da zootécnia, do apuramento e da selecção, o podem usar com consciência sem perigos.

Só em último recurso mesmo, estes últimos o poderão

fazer, quando isso tenha um carácter transitório, e apenas com determinados exemplares que possuam *óptimas e invulgares qualidades cinegéticas*, para efeitos de melhoramento ou correcção, desde que a forma osteológica, sobretudo do crânio, a isso se não oponha.

Porque reputo de primacial importância pôr o amador ao corrente da maneira como se nota no perdigueiro a intervenção de sangue estranho, vou fazer uma ligeira resenha que o ajudará a observar, a descobrir fácilmente tal intro-missão.



Fig. 8 — «Volga». Tipo atual. Ótima cabeça

Influência do Navarro :

Nota-se, em especial, quando os animais se apresentam com crânios ovoïdes, às vezes só longos, estreitos e abaúlados; orelhas inseridas abaixo do nível dos olhos, muito longas, caindo murchas, enroladas, amarfanhadas e de raiz estreita; focinho sem quebra (stop) ou pouca; tecido adiposo demasiado, sob uma pele frouxa e lassa, muita barbela, pálpebras descaídas, deixando ver a conjuntiva; cauda grosseira sobre o longo e grossa; pesados, volumosos e lentos no trabalho.

Do Pachon :

Esta raça é uma variante do «Navarro», sendo, às vezes, semelhantes os sinais. Todavia, é mais nítido o seu predomínio, quando o animal apresentar corpo atarracado, grosso, sôbre o comprido, género baixote, sôbre membros grosseiros, mal desenhados; orelhas carnudas, espessas, largas, espalmadas muito redondas e caíndo paralelas e junto às faces; crânio algo convexo (nem sempre), lábios bem descidos, caídos com moleza. Pelagem pigarça com malhas.

Dos Bracos :

Focinhos quási sem (stop) quebra, de nariz curvo como o da ovelha, lábios por vezes escassos e fugidios, peito cilíndrico ou só muito ligeiramente descido em virtude das costelas muito arqueadas. Em geral, altos sôbre membros e corpulentos, membros dianteiros muito rígidos, género «fox-hound» ou «fox-terrier». Caudas levantadas para cima da horizontal, grossas na raiz, cabeças sôbre o comprido e pouco rectangulares. Focinhos mais longos que o comprimento do crânio.

Dos Coelheiros :

Orelhas demasiado curtas, quebrando mal, encarquilhadas, de ouvido volumoso e terminando em ponta, afastadas do crânio e dando ao animal o aspecto de ter chifres. Pelagem grosseira e farta. Focinhos aguçados, de lábios fugidios, narinas pequenas, pés estreitos e compridos, esqueleto ligeiro e de pouco pêso. Causa grosseira, provida de pêlos na parte inferior, enrolada ou em forma de anzol.

Dos Poïnters :

De todas a que menos lhe pode roubar características ou qualidades morais, visto que é um seu descendente, bem seleccionado e que conserva, por vezes, em alto grau, as linhas típicas do nosso cão.

No entanto, êste cão inglês (hoje) já se vai afastando muito do nosso e, quando isto se dá, todo o cuidado com êle é

pouco. Embora a sua influência desapareça em poucas gerações, sem deixar vestígios de maior, são sempre de recear fenómenos de regressividade, sobretudo se o exemplar intromissor, era um mau «pointer», demonstrando ter muito de «fox-hound», de «braco» ou de galgo.

Aos olhos pouco práticos, não é fácil ver, à primeira vista, a influência de sangue «pointer». É prudente, porém, desconfiar e pôr de reserva todo o cão que tenha ar de «pointer», que se apresente com focinho mais longo que o comprimento do crânio, orelha curta e em bico, vazio apanhado, garupa descaída e pata longa no género da lebre.

Com as indicações que dou, procurei apontar quais os sinais mais evidentes da influência destas várias raças e como ela se manifesta e aparece no nosso perdigueiro.

Um só dos sintomas e mesmo às vezes alguns (depende da importância que tiverem), não é o suficiente para se ex-

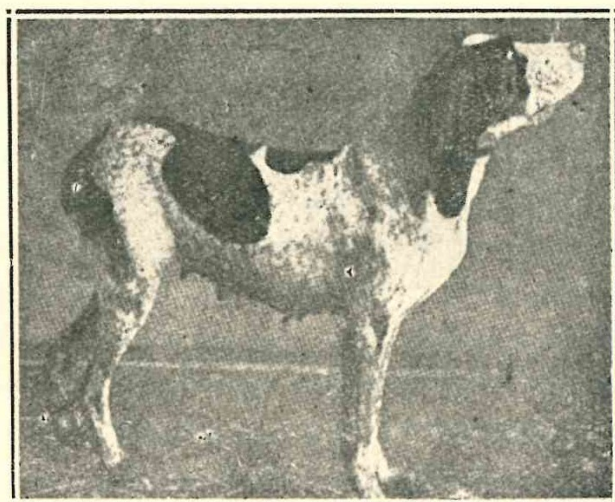


Fig. 9 — Cachorro «Braco de Burgos»

cluir o animal, mas se coincide existir algum de vulto, a prova de sangue estranho é por certo recente, de poucas gerações e assim todo o cuidado é pouco.

Ao bom senso do amador deixo o passar pelos de menor importância, lembrando-lhes, todavia, que a cabeça é onde residem as primaciais e mais típicas características que distinguem o nosso cão e são essas as que é necessário conservar a todo o custo.

CAPÍTULO V

O nosso perdigueiro

Origem e base do Pointer

Antigamente, em Inglaterra, os perdigueiros, foram conhecidos sob a denominação geral de *Spanish-Pointers*, mas os ingleses seriam mais precisos, chamando-lhes «*Ibéric-Pointers*», visto que a península onde êles vieram buscar os cães que lhes serviram de base para fabricar os seus «pointers» não é composta só pela Espanha; além disto, foi um português quem, em Inglaterra, introduziu os primeiros cães de mostra.

Nesta conformidade, dizer que os «pointers», são de origem espanhola, é, segundo o que penso, uma afirmação demasiadamente gratuita e pouco consistente, pois não resiste a um exame minucioso, tanto sobre o ponto de vista histórico, como sob o ponto de vista zootécnico.

Estudando os perdigueiros peninsulares, investigando o melhor que pude, qual o tipo dos antigos cães de mostra da península, convenci-me que o principal antepassado do «pointer» ou pelo menos aquele que mais venceu na referida raça o tipo e maior número de *qualidades morais e físicas*, foi o perdigueiro português e não o pesado «braco» espanhol ou «navarro», como quasi toda a gente imagina.

O que me levou a esta conclusão, foi a grande diferença moral, morfológica e, sobretudo, a estrutura do seu esqueleto, especialmente da cabeça, que em nada se aproxima da do «braco» espanhol e muito se parece com a do perdigueiro português.

Nunca me pude convencer que os intelligente criadores ingleses, cruzando o pesado e massiço «braco» espanhol com galgos «fox-hound», etc., pudessem construir um tipo que quer por temperamento, quer por físico, lhe é absolutamente diferente.

Todos nós sabemos os raros méritos e as soberbas modificações de que a zootécnica inglesa é capaz e eu admiro

nesta tão difícil quanto paciente ciência muitas das suas maravilhosas criações, mas daqui até lhe reconhecer o dom de fazer milagres vai uma grande distância.

Ora, as minhas observações e convicção, são, felizmente, justificadas pela história do «pointer» e absolutamente confirmadas por um exame fisiológico e psíquico ao perdigueiro português e ao «braco» espanhol ou «navarro».

Mas entremos em factos concretos e vejamos se tenho ou não fortes razões para me convencer da origem portuguesa do «pointer».

Na «Cinografia Britânica», 1800, a pág. 17, par Sydenham Edwards, lê-se: «*O pointer espanhol foi introduzido neste país (Inglaterra) por um negociante português, numa época assás recente — princípios do século XVIII.*

Esta preciosa aquisição vinda do continente, era totalmente desconhecida dos nossos antepassados.

Naturalmente que o negociante nosso compatriota, não levou para Inglaterra, outra coisa que não fôsse um perdigueiro de Portugal e com que, certamente, por cá caçava, apesar da denominação de Sydenham — *pointer espanhol*; mas, a denominação espanhol, na bôca de um europeu, não quer dizer que seja originário do reino de Espanha, pois empregam-na, antigamente como hoje, para tudo o que seja da península Ibérica, daí as confusões em que constantemente caem quando tratam de coisas portuguesas.

Os ingleses, franceses, holandeses, belgas, etc., mas os franceses, sobretudo, parece que ignoram bastante a geografia universal; é freqüentíssimo receberem-se em Portugal cartas vindas de vários países europeus, com o endereço Portugal-Espanha, como se nós fôssemos habitantes duma província do país vizinho e não uma nação livre há muitos séculos e a quem o mundo e a civilização tanto e tanto deve.

E não me digam que só as camadas pouco cultas caem neste erro, porquanto, eu, ainda não há muito, recebi *dum director dum jornal francês* uma carta endereçada nestas condições.

As provas destas lamentáveis confusões entre as coisas portuguesas e espanholas, chamemos-lhe confusões para não dizer ignorância, evidenciam-se a todo o momento.

No «Dimanche Illustré», de 27 de Maio de 1928, num éco sobre os países americanos onde se fala o espanhol — vem

incluído o Brasil !!! Isto diz tudo, isto diz demais da ignorância do articulista.

No «Século», de 12 de Junho de 1928, numa correspondência de Amsterdão sobre os Jogos Olímpicos, Adelino Mendes, o enviado do «Século» para fazer as reportagens do certame Olímpico, relata vários factos que confirmam, bem claramente, a noção que os estrangeiros têm das coisas portuguesas, confundidas continuamente por ignorância, com as espanholas.

Quando a imprensa europeia comete «gaffes» dêste jaez, não admira nada que os cinofilistas e caçadores, chamem aos perdigueiros de Portugal, perdigueiro espanhol, devendo concorrer e muito para isto, a denominação de Hispânica que os antigos davam à nossa península.

Mas prossigamos; no «Treatise on Field Diversions», por H. Symonds, 1776, a pág. 14, lê-se a seguinte indicação, bem mais positiva e concreta: — *«esta espécie — pointer — foi cá introduzida no comêço do corrente século; é reconhecida originária de Espanha ou de Portugal; com efeito, muitos dos «pointers» foram e são ainda hoje, importados por nós destes dois reinos».*

Como se vê neste último escritor e grande «sportman» inglês, afirmava no ano de 1776, quer dizer, poucos anos depois da introdução do perdigueiro em Inglaterra, que estes eram importados de Espanha e de Portugal; o grande mestre de canicultura e paciente investigador e aperfeiçoador de raças de mostra, que foi M. Arckwright, também, por sua vez confessa ter importado cães de Portugal — «The Pointer», livro da sua autoria, a pág. 173; e, não só ele, mas vários outros ingleses, no século XVIII, como há cinqüenta anos e como ainda hoje, muitos e muitos cães levaram para Inglaterra, especialmente do Douro e Traz-os-Montes, factos que são do meu conhecimento, assim como já o eram há anos, do sr. Rui de Andrade(V. «Revista Caça & Sports», n.º 18, de 1924).

Independentemente destas indiscutíveis e bem claras referências históricas, nós temos um caminho mais seguro e uma pista mais afirmativa e concludente da origem portuguesa do «pointer» — os nossos próprios cães.

Vimos já, que, apesar dos primeiros «pointers» importados, serem de origem portuguesa, a Inglaterra importou também de Espanha cães perdigueiros, vejamos agora, qual é o tipo

característico do perdigueiro espanhol e qual o do português, para, *analizando conscientemente as características predominantes dum e doutro*, vêr qual dêles imprimiu e perpetuou no «pointer» as qualidades físicas e psíquicas que o distinguem.

Antigamente na península, só existiam dois tipos de perdigueiros de pêlo curto, como atrás já vimos :

— Um, o descrito por Sélincourt em 1683, e que é, sem tirar nem pôr, o «braco» espanhol, de Burgos ou Navarro. Segundo este autor, o braco espanhol era então, *como hoje*, de: «grande estatura, de formas robustas, cabeça cheia, volumosa, de lon-



Fig. 10 — Pointers célebres «Urf de Rifbel»
Campeão Internacional em T. e B.

gas orelhas, focinho e nariz grosso, os lábios pendentes, caídos, pescoço grosso e espesso, as patas compridas e fortes; a sua pelagem era curta e ordinariamente branca com grandes malhas castanhas.

— O outro: «autores espanhóis contemporâneos de Sélincourt, fazem um esbôço do seu perdigueiro, completamente diferente do perfil canino desenhado pelo gentil-homem francês.

O «braco» espanhol era, segundo eles, um animal de tamanho médio, ligeiro e nervoso, caçando de cabeça alta e muito depressa.

«Certos cães são tão ligeiros, diz Espinar (1644), que parecem voar sobre o solo». — (da obra «Le Braque Français», pág. 8, por Dr. Castets e B. de Sénac-Lagrange).

Evidentemente que Sélincourt descrevia um tipo, enquanto que Espinar e seus contemporâneos desenhavam um

outro. O primeiro fazia o perfil do «Navarro», «braco» espanhol ou de Burgos (fig. 2), o segundo, o do perdigueiro português (fig. 1), ambos êles e com razão, denominados, *nessa época*, espanhóis.

Mas, se nesse tempo, o segundo tipo, o do perdigueiro português, podia dizer-se de nacionalidade espanhola, em virtude da anexação de Portugal à Espanha — (de 1580 a 1640 e ainda mais 27 anos de guerras, só no fim das quais a Espanha nos reconheceu a independência) — o mesmo se não dá hoje, pois Portugal há longos séculos que é livre e independente.

Nenhuma dúvida tenho em afirmar, que o perdigueiro descrito por Espinar, era o nosso cão de mostra, cujo tipo e forma de caçar, se adapta perfeitamente ao que o referido autor descreveu.

Sabemos já que há séculos existiam dois tipos de perdigueiros na península com características físicas e morais bem distintas — inconfundíveis, para aqueles mesmo que pouco se tenham embrenhado na canicultura. — Um, o «braco» espanhol, «braco» de Burgos ou «Navarro» (fig. 2), a raça fundamental de todos os perdigueiros de Espanha ; o outro, o perdigueiro nacional, que, como atrás vimos, pelo seu «standard», aproxima-se tanto do «pointer» quanto êste se afasta dos cães espanhóis.

Comparando o perdigueiro português (figs. 1 e 6 a 8) e o «braco» espanhol (fig. 2), com os «pointers» das figs. 10 e 11, nenhuma dúvida restará aos menos versados em cinofilia, que o perdigueiro português é que deve ter sido de facto o antepassado original do «pointer», ou, pelo menos, aquele dos seus antepassados que lhe imprimiu o tipo e as inigualáveis qualidades que o tão apreciado cão inglês possui.

Aliemos esta grande semelhança morfológica, esquelética e até moral, aos dados históricos que atrás forneço e só quem não quizer ver é que poderá duvidar da origem portuguesa do «pointer».

Não faltará quem pergunte : — mas será, de facto, o cão da fig. 1, o tipo do cão português ?

Não será êle, apesar de comum no nosso país, um cão espanhol ?

Não e não. O cão da fig. 1 e a cabeça (fig. 3), é bem o tipo do cão de mostra português.

E, embora a fig. 1, no livro *Le Chien*, edição J. Rothschild,

Paris, seja apresentada sob a falsa e errada denominação de *Chien d'arrêt espagnol* e acompanhada duma notícia descriptiva do braco espanhol ou navarro (!) nem por isso deixa de ser uma velha gravura do antigo perdigueiro português.

Este êrro deve provir da mesma origem daquele outro do «Dimanche Illustré», isto é, a ignorância ou a negligência de quem se aventura a escrever coisas de países que desconhece.

E a prova irrefutável de que não é a reprodução de nenhum tipo de cão espanhol obtive-a eu duma origem de que não é lícito duvidar. A cabeça (fig. 3) foi por mim enviada ao ilustre vice-presidente da Real Sociedade Central Canina de Espanha sr. coronel Javier de Béranger, a quem pergun-

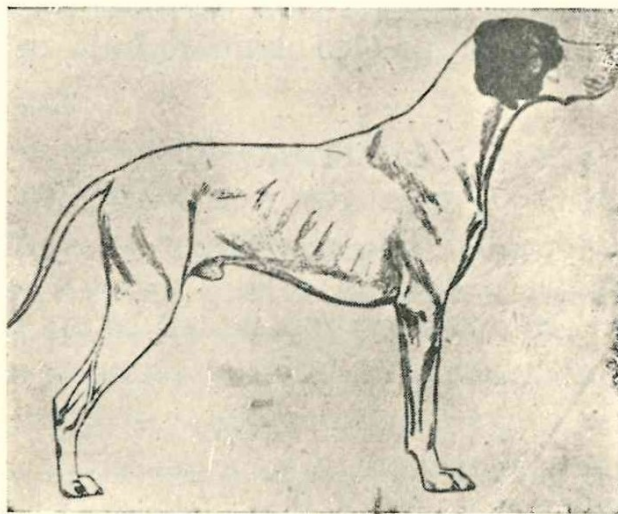


Fig. 11 — *Tipo ideal de «pointer»*

tava se existiria no país vizinho alguma raça de cães de mostra com as características da referida cabeça.

A resposta, que por muita gentileza do sr. Béranger, se não fez esperar, foi, para mim, para o meu amor próprio de investigador e de canicultor, a mais agradável que podia ser: — «No existe en mi país nenhum perro del tipo de la foto que me remite y mucho me alegro tenga en ese una raza de buenos perros de muestra».

Independente disto, o meu amigo e ilustre canicultor Eurico Corrêa, que há anos visitou a Exposição de Madrid e vários canis, tanto em Espanha, como em Itália, poderá comprovar esta afirmação.

Estas indicações que confirmam irrefutavelmente, tudo

aquilo que eu, com o estudo de anos, pouco a pouco fui desvendando, deve apagar as dúvidas, a quem as tiver, da existência do perdigueiro português, e da origem dos «pointers», pelo menos, na grande maioria dos seus tipos.

Os ingleses não criaram uma raça de cães de mostra, modificando o excelente «braco» espanhol, com várias infusões de sangue de galgos «fox-hounds», etc. Os seus famosos e elegantíssimos «pointers» não são mais do que um perdigueiro português seleccionado, apurado com esmero, melhorado por vários e científicos processos zootécnicos para, finalmente, ser por eles adaptado às suas necessidades cinegéticas e aos seus hábitos.

Com estas afirmações, talvez inéditas, reivindico para Portugal a origem dos cães que serviram de base, que serviram de alicerce aos canicultores ingleses, para a formação dos cães de mostra, a que eles chamam hoje, os «pointers» de Inglaterra.

CAPÍTULO VI

Conclusão

Depois de tudo o que acabais de ler, só me resta dizer-vos algumas palavras sobre os muitos serviços e bons, que o nosso cão presta aos caçadores que o utilizam, e, que, como eu, não quiseram nunca outro, nem quererão.

Se é verdade que certas raças estrangeiras, cuidadas e seleccionadas, se impõem pela beleza incomparável, como os «Pointers» e «Setters», nenhuma, a não ser certos «pointers», é capaz de se igualar às altas, inúmeras e invulgares qualidades cinegéticas do perdigueiro nacional.

Tenho-os visto, com 2 e 3 meses de idade, «trazer» (ex-pontaneamente) «à mão» tudo quanto encontram, sem a mais ligeira lição, assim como os tenho visto, com meia dúzia de meses apenas, «marrarem-se» e dar «fiadas» sobre pássaros, levandiscas e galinhas, com a convicção de cães velhos e treinados; batem e cruzam o terreno logo nos primeiros dias da sua instrução cinegética, como se de há muito o soubessem fazer, não sendo raro vê-los (nas codornizes, por exemplo) trabalhar, com o ensino de dois ou três dias, e até mesmo, logo após a morte da primeira que «bocaram».

Nestas minhas afirmações não há o menor exagêro, sa-

bem-no bem, aqueles que, como eu, se têm dedicado a criar os nossos cães. O contrário é que seria de admirar, numa raça que tem séculos de existência, atavismos e hereditariedades tais, que nenhuma outra raça de mostra, no mundo evidencia nem iguala. «Bom cão de caça, caça de raça»: aforismo que todos conhecem, mas que quási todos esquecem.

Sendo o perdigueiro português um animal com tantas e tão raras qualidades cinegéticas, que raça alguma pode ultrapassar, sendo aborígene, moldado por herança e atavismo, desde longos séculos, aos nossos hábitos cinegéticos, usos, costumes, alimentação, clima e terrenos, porque motivo havemos nós de importar cães a pêso de oiro e não adquirimos os nossos que nada nos custam ou se pagam por uma ridicularia ? !

Porque não dispensamos um pouco mais de carinho ao nosso perdigueiro e não tratamos de o apurar e seleccionar convenientemente ?

Bem sei que escasseiam no sul, e, a prova, têm-na dado as Exposições de Lisboa, mas fácil seria, em dois ou três anos, remediar tudo, se os caçadores ricos ou os clubes, adquirissem no norte, três ou quatro cadelas e espalhassem pelos amigos ou associados os produtos.

Procedimento idêntico poderiam adoptar os Serviços Florestais e Aquícolas do Estado, tanto mais que, já em alguns, são seleccionados e criados, excelentes Serras da Estrêla, premiados em Exposições, o que prova o interesse e carinho de quem tais serviços dirige, pelos cães nacionais.

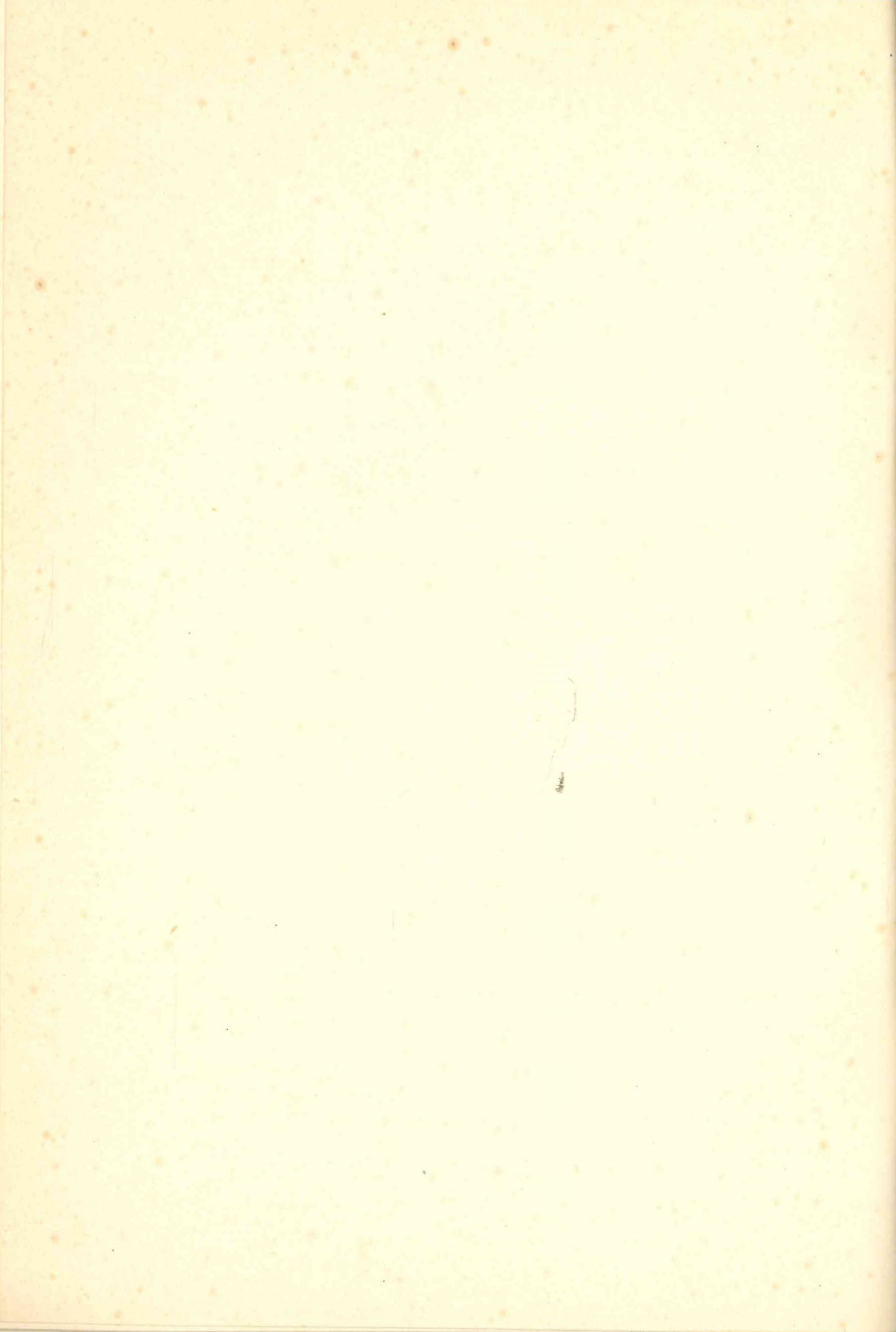
Porque se não experimenta ? ! Os encargos para os Serviços Florestais seriam ínfimos ou até nenhuns, bastava somente um pouco de boa vontade; até lucros poderia dar, pois, em breve espaço de tempo, aí iriam adquirir cães, os caçadores e amadores.

O perdigueiro nacional é, como se viu, tido pelos estrangeiros que cá o vêm buscar, como o melhor cão de mostra da Europa e foi o que lhes serviu para construir e agora para retemperarem as suas raças; só para nós tem um grande defeito... ser português !

É bem certo que ninguém é profeta na sua terra !

Maio de 1937.

Leopoldo Machado Carmona.



biblioteca
municipal
barcelos



60064

Estudo sobre o perdigueiro
português